







BRASIL CENTRAL

POETAS

Gayana

1.ª SERIE

EDMUNDO BARRIOS

PROLOGO

1901

EDITORES
IRMÃOS CIRONE

BAGÉ

POETAS GOYANOS



BRASIL CENTRAL

POETAS GOYANOS

1ª SÉRIE

Edmundo Barros

PROLOGO

DE

HENRIQUE SILVA



EDITORES

IRMÃOS CIRONE

BAGÉ

1901



PROLOGO

«Toda idéa boa ou ma
aproveitavel ou inacequavel,
e sempre humana».

Araripe Junior.—GREGORIO DE MATOS

Disse um illustre escriptor philosopho, que os povos humilhados, as nações decaídas, trouxeram sempre no seio a virtualidade de um grande destino poetico.

Este suggestivo poneto de psychologia social acaba de ser magistralmente estudado por um critico francez — REMY DE GORMONT, que, negando se possa estabelecer relacao entre o poderio de um povo e o genio de um homem, constata ser a longa decadencia dos imperios destruidos uma das mais singulares illusoes da historia. «*Peut-être même serait—ou plus près de la verité en déclarant que la décadence politique est l'état le plus favorable aux éclosions intellectuelles c'est quand les Gustave—Adolphe e les Charles XII ne sont plus possibles que naissent les Ibsen et les Bjørnson ; ainsi encore la chute de Napoléon fut comme un signal pour la nature que se mit à reverdir avec joie e à pousser les jets les plus magnifiques ; Goethe est le contemporain de la ruine de son pays.*» (1)

(1) Ler «*La Culture des Idées*» em «*Stephane Mallarmé et l'Idée de Decadence*» (Paris 1900).

E nós os Goyanos somos um povo decadente sobre todos os pontos de vista : em politica, então, de ha muito que batemos ás portas da miseria.

AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE, que nos visitara em principios do seculo passado, escrevia que já então só vira alli, por toda a parte « triste decadencia e ruinas do esplendor de outr'ora.

Não só este sabio naturalista, como outros estrangeiros notaveis — admiraram os talentos originaes do Goyano — cuja vocação artistica, guiada apenas pelo instincto, sem mestres e sem modelos classicos, se exerciam nos mais finos labores da ourivesaria, das obras de talha, na pintura, na musica e no cultivo das letras. *Homo non intelligendo fit omnia*, disse Vico.

O Brasil Central, de que Goyaz é o centro geometrico, se afigura ao eminente geographo ELISÉE RECLUS um amphitheatro formado por cadeias de montanhas e escarpas d'um planalto que lhes constituem as paredes exteriores.

Pois bem: dentro d'aquelles muros graniticos que ainda a *Civilisação* não demoliu, demoram conservados, na pureza primitiva, as lendas, os costumes e as tradições todas das raças invasoras, de mistura com as dos autochthones do nosso paiz.

Sobre tantos episodios da immensa epopêa sertanista, constituida no grande cyclo dos bandeirantes paulistas, nada possuimos de valor litterario inquestionavel ; e, todavia, ainda não se apagaram as pegadas do ANHANGUÊRA — « typo masculino do romance historico a espera de um Walter-Scott, Fenimore Cooper, que lhe desenhe as feições e celebre as legendarias proezas».

E que de interesse não despertam, tambem, alli, os primeiros dias de sobrevivencia dos negros da Costa d'Africa, dos degredados e fugitivos da metropole, dos forasteiros, dos ciganos e outros que lhes talaram os cerros grimpantes e azulados a rudes golpes de picareta — garimpando, mourejando, cantando pelas gulpiaras á dentro na illusão da AURI SACRA FAMES — enquanto as bandeiras dos caribócas e mamelucos se interiora-

vam pelo sertão, e a tapuïrama se ia de arribada adormecer, depois de lutar com os invasores, ao pé das sapopembas das margens do grande rio, onde, resa a lenda, a filha da «Cobra grande» separára a noite do dia, fazendo cantar o cahuby, pela manhã e á tarde.

E então, «a terra ignorada», será—por ventura, o ninhal d'onde hão de desprender o vôo os mais dignos de GONÇALVES DIAS.

No seculo XVIII fôra a inspiração receptiva do pantheismo de BARTHOLOMEU CORDOVIŁ—o arcade delicioso dos *Dithyrambos ás Nymphas Goyanas*. (2)

A sombra das ramagens luxuriantes dos seus ca-
jueiros em flôr, na mais tenra infancia o excelso VA-
RELLA balbuciara os primeiros cantos — já impregnados
d'esse maravilhoso que encerra a brasileira epopêa gra-
vada no cerne imperecível dos grandes robles da nossa
matta virgem—o *Evangelho na Selva*.

Tambem sob o langor d'aquelle céu de um azul
mysterioso que arqueia sobre o Tocantins e o Ara-
guaya—vivera e vibrara a alma de um BERNARDO GUI-
MARIES, cujos versos límpidos e cantantes harmonisa-
vam a expansiva sensualidade bucolica e a melancolia
das endeixas sertanejas—plaugentes como o arrulo das
pombas rabaçans na espessura a dentro das florestas
do Aito-Brasil.

(2) Uma organização artistica originalissima que não obstante
sonhar com ALVARENGA PEIXOTO, GONZAGA, CLAUDIO e ou-
tros poetas da Inconfidencia -- fôra um refractario á toda a
adaptação de escolas e ao snobismo.

Os criticos e biographos dizem que elle precedera no movi-
mento romantico a GARRETT em Portugal -- a DOMINGOS MA-
GALHÃES no Brazil.

Além de outros trabalhos que se perderam, deixou, «Protheu-
estrophes canonicas», «Sonho»--poemeta no mesmo genero; «Epis-
tola aos Arcades do Rio de Janeiro»; Ode ao Sr. D. Luiz de
Vasconcellos», e os famosos «Dithyrambos ás Nymphas Goyanas».

No «Florilegio da Poesia Brasileira», com uma intuição genial,
o illustre investigador que foi VARNHAGEN escreveu: «Mais
para o interior, em Goyaz -- pulsava a lyra de Pindaro o sub-
lime CORDOVIŁ, de quem devemos sentir não sejam conheci-
das maior numero de produções».

No opusculo á seguir farei conhecidas inéditas produções do
poeta goyano--que passa por fluminense.

E a musa satyrica de JOSÉ MANOEL e HYGINO RODRIGUES ?

Dos modernos poetas nossos é EDMUNDO BARROS o mais extraordinario de todos.

Na sua obra poetica, de uma fórma lavorada, quasi benedictina, e expressa n'um pensamento transcendental—que muita vez escapa á percepção do leitor vulgar, despertam um intenso interesse os aspectos d'essa privilegiada natureza agreste do *Far-West* do nosso paiz.

EDMUNDO é um estheta que se delicia na pintura das suas impressões em abordar themas philosophicos, que lhe saem da penna sublinhados de um leve traço de humorismo, de ironia, á maneira de HEINRICH HEINE—seu auctor predilecto.

E' que elle lê, como n'uma Biblia, essa differenciação do riso e da dor em poemetos escriptos nas brumas do mar do Norte—*Reisè aus Bilder*.

Se quizesse descer mais até a outras comparações, para me alinhar entre os criticos indigenas, eu citaria aqui uma tambem alma gemeada de EDMUNDO — a do auctor de *Só*—esse volume que só póde ser lido encadernado em negro e no silencio de uma Thebaida.

NOBRE e ANTHERO DE QUENTAL não se desdenhariam de assignar as poesias do meu patricio.

No *De um mirante* os seus versos remagem e as rimas acompanham com timbres de libras sterlinas o fragor das torrentes assombrosas do grande rio, e tombam, com ellas, na attracção do abysmo: e um fremito de pavor nos faz suspender a leitura e como que se nos turva a vista por momentos...

Foi em 1883 que o nome d'este Cenobita apparecera na imprensa fluminensé firmando sonetos de uma fórma tão impeccavel, que a *Gazeta de Noticias* annunciara logo como de um parnasiano emulo de RAYMUNDO CORREIA—o então poeta do dia.

Por esse tempo se debatiam na antiga Escola Militar da Praia Vermelha os credos philosophicos de

SPENCER e o de AUGUSTO COMTE—este, que mais tarde perdeu na Republica...

Entre os sectarios do evolucionismo—chefiado pelo iconoclasta RODOLPHO BRAZIL, que ousara hastear o guião do Hartmanismo na propria aula onde pontificava para um grupo de alumnos, BENJAMIN CONSTANT, alistara-se o Rebellado artista Goyano.

E' provavel que os adversarios lhe negassem *base*, por não ter feito o curso completo das mathematicas superiores; mas o certo é, que, com *base* ou sem *base* elle subiu com os seus «Tres Peregrinos» ao cimo da montanha do Ideal—sem temor e sem perigo...

Se vivesse na India seria um Boddi-sattva, talvez; nos sertões do Paraná—onde a esta hora passaria uma dôr recente, o seu dilettantismo philosopho-scientifico se limita ás analyses das lagrimas — essas pequenas gottas que o «Mundo as vê, no amor e na amargura».

As suas poesias que se vão ler paginas adiante são as primeiras de uma serie destinada a interpôr Goyaz na communhão nacional—por uma comprovação litteraria e o prestigio de provincia intellectual.

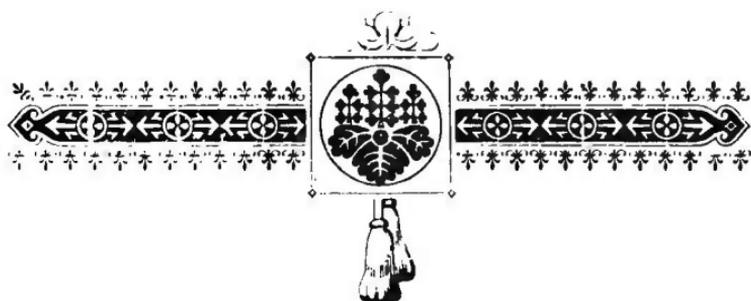
E' obra essencialmente Goyana, como se verá, esta em que pretendo entfeixar as produções de nossos poetas desconhecidos no resto do Brasil.

Como exterioridade de uma idéa que sempre acarticeiei patrioticamente—o presente inquerito ás obras de obscuros artistas nossos, no passado e no presente, constituirá volume, em serie de opusculos — os ultimos consagrados á estudos folk-loristas, ás origens ethmicas do povo goyano e á psychologia popular—coisas que ainda não solicitaram os criticos indigenas.

Certo, tão sympathica e pessoal tentativa merecerá os applausos que, espero, partirão directamente de Goyaz —através da distancia que nos separa da actividade dos centros artisticos e litterarios do Brasil mental.

E benedicta sejas tu, minha terra natal! que produziste tão formoso poeta.

HENRIQUE SILVA.



De um mirante

A HENRIQUE SILVA

*Manso um rio, o Iguassú, rolla ao pôente.
Subito, a uns «sarandys», mil corredeiras
Rasgani-lhe o seio em fúlgidas fileiras...
Ouent-se uns bufos, longe, surdamente...*

*E cil-o a medir o olhar do abysmo. Ingente
Bróca, a punctear com o tempo altas pedreiras,
Tomba... Lá embaixo: as ondas; são caldeiras
Fumando as nuvens deste ceo em frente ;*

*Estas molham-me e dizem:—«Mais um passo,
E eis-te nuvem tambem !...»—Ouço-as; e scismo
No esforço real de um invisível braço,*

*Que assim nos chama a eterno transformismo ! :
Ao cerro—as ondas, na ascensão do espaço ;
Ao sonno—as almas, na ultracção do abysmo.*



A MINHA MÃE

SONETO DE H. HEINE

*Nun momento de insensatez, outrora
Fugi de vós; queria, aos quatro ventos,
Ir em busca do «amor» e, n uns momentos
De delirio, abraçal-o... E mundo a fóra,*

*Vou. Mas em vão ! não me ouviu os lamentos...
Embora o peço em lagrymas... embora !...
Ante cada solar uinha alma o imp'ora,
E dão-lhe só o desprezo e o riso odientos !...*

*Depois de sempre e em vão tel-o buscado,
Volto um dia a meu lar. Manso decerra
Uma porta: Ereis vós... — Mudo, cançado,*

*Fitei a luz que vosso olhar encerra;
E vi, surprezo, o amor, tão procurado,—
O amor mais puro que encontrei na terra !*



❧ CIOSA ❧

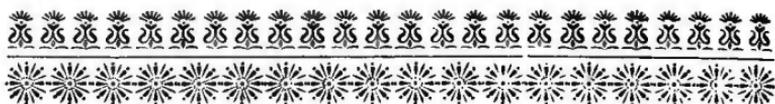
A LÍMA CAMPOS

*Em cima vê-se:—aos leques flammulantes
De um «burity», muito alto, erecto e annoso,
Cantando a brisa e um sabiá choroso.
Em baixo,—um poço; A um lado,—os dous amantes*

*E nas serenas águas circumdantes
Bebem as verdes linguas de orvalhoso
Cipó,—de onde, descendo em farfalhoso
Bando, titilam límpidos diamantes...*

*ELLE, que de uma rosa o todo estuda :
«Ve !»—diz— «Nada tão bello ! a chuva a molha,
E sem rival o aroma ella desuda !...» —*

*ELLA : entrubece a onvil-o, á flor nem olha ;
E aos roseos dedos, pensativa e muda,
A bipétala for do labio esfolha.*



A MINHA MÃE

SONETO DE H. HEINE

*Nun momento de insensatez, outrora
Fugi de vós; queria, aos quatro ventos,
Ir em busca do «amor» e, n'uns momentos
De delirio, abraçal-o... E mundo a fóra,*

*Vou. Mas em vão ! não me ouvem os lamentos...
Embora o peço em lagrymas... embora !...
Ante cada solar minha alma o imp'ora,
E dão-lhe só o desprezo e o riso odientos !...*

*Depois de sempre e em vão tel-o buscado,
Volto um dia a meu lar. Manso decerra
Uma porta: Ereis vós... — Mudo, cauçado,*

*Fitei a luz que vosso othar encerra;
E vi, sorpreso, o amor, tão procurado,—
O amor mais puro que encontrei na terra !*



❧ CIOSA ❧

A LÍMA CAMPOS

*Em cima vê-se:—aos leques flammulantes
De um «burity», muito alto, erecto e annoso,
Cantando a brisa e um sabiá choroso.
Em baixo,—um poço; A um lado,—os dous amantes*

*E nas serenas aguas circumdantes
Bebem as verdes linguas de orvalhoso
Cipó,—de onde, descendo em farfalhão
Bando, tilítanu lípidos diamantes...*

ELLE, que de uma rosa o todo estuda :
*«Ve !»—diz— «Nada tão bello ! a chuva a molha,
E sem rival o aroma ella desuda !...»—*

*ELLA : enrubece a ouvil-o, á flor nem olha ;
E aos roseos dedos, pensativa e muda,
A bipítala flor do labio esfolha.*



CREPUSCULO

A OLAVO BILAC

*Por invios blocos, tropeço. apalmando...
Nem sei como os pés frageis não destronco...
A ouvir, da ingreme escarpa, a agua, rolando,
Tombar no abysmo em cavernoso ronco...*

*Os troncos para traz vou eu deixando...
Mas me seguindo estão, de tronco em tronco,
O sol no occaso e as nuvens, me guiando
Sobre o pensil despenhadeiro bronco ;*

*E ao ver fugindo o sol, bello e rosado ;—
De um bello rosto deshumano o typo,
Que assim tambem fugiu-me no passado,—*

*A mesma fúida e soberana magua
Dos Job, Rei Lear, Ossian. Milton e Oedipo
Me enche de horror o peito e os olhos d'agua !...*



➤ DULCE ➤

I

II

*Despe-se Dulce, e entra no banho.
Lembra o pallor sensual da Lua
Quando, completamente nua,
Guarda o lucigero rebanho.*

*Põe os pés na agua ; a agua recua
Num estremecimento extranho...
Pois nunca flor de igual tamanho
E olor feriu a toalha sua.*

*Sentindo-a fria, em sustos lança
Gritos pueris... Mas, com brandura,
A agua serena ; e a flor—avança,*

*E avança... até que a lympha pura,
Em mysteriosa intemperança,
Abraça e beija-lhe a cintura.*

III



VISIO, VEL FEMINA

(MARCIA)

*Surge entre loira e rubicunda a aurora,
Mas muito menos loira e rubicunda
Que essa que aos hombros traz :—doce e fecunda
De graças mil, onde o sorriso mora.*

*Na rosea tez e cóvas da rotunda
Quão beñ torueada face, onde demora
Seu cursó meu olhar, que immenso a adora,
Um não sei que me attrae, que me extramuñda...*

*Seu calmo olhar, dulcissimo, indolente,
De negro e azul, meu intimo conforta ;
E, embora sempre esquivo, trago-o a mente...*

*Si é visão, si é muther—pouco me ãnporta !...
Ou mulher ou visão—eternamente
Amo-a; sem ver quem é, si é viva ou morta !*



A' NECROPOLE DOS NAU- FRAGOS

EM 2 DE NOVEMBRO DE 1887

*Choraes ou ides ver, neste dia funereo,
Sobre as tumbas quem chora... O surdo, gembundo
Ranger ficas a ouvir, dos carros; onde em serio
Amor, flores trazendo, o aparatoso mundo*

*Chega...—Mas, deste lado avisto o oceano:—Fere-o
Respido o vento... e ao deste o pranto meu confundo;
Pois, no oceano é que vejo um vasto cemiterio,
Desde a mais linda praia ao pèlago mais fundo !*

*...Sinto abrir-se-me a flor «tristeza» ao pensamento:
...Sinto a Patria chorando; afflicta, inconsolavel
Mãe, que uis filhos perdeu nas furias do elemento!..,*

*Chora e soluça... e a dor que a estraugula, inarravel.
Quebram-se ondas... e vão,—levadas pelo vento, —
Flores que um vento leva a um tûmulo insondável...*



DE UMA ENTREVISTA

(AOS 20 ANNOS)

A JOAQUIM DE CASTRO

*Entro. Oh! susto... Um jardim. A dhalia, a hortencia,
A rosa, o acanθο... espiam. Não demora
Sumir-se a lua. Elvira, a olhar-me, córa :
Beijo-a... Pulsa—e, em desigual cadencia,*

*O peito: é nova, é bella... E, assustadora,
Pede que eu fique mais... Nunca! a imprudencia...
Solto-lhe as mãos, beijando-a com vehemencia ;
Não quer que eu saia; insisto... Eis-me lá fóra.*

*Bem cedo, uma cartinha —«Deshumano»,
Mentiste... Esquece-me»—assignada:—«Elvira»—
Vé só! tarde arrepende-se um do engano :*

*Rendida a amante á Tenoriana lyra,
Mãos entre mãos, domado o ar soberano,—
Sinão por muito amor, quem lhe fugira!...*



A «ANALYSE DA LAGRYMA»

(A PROPOSITO DE UM SONETO DE RICHEPIN)

A meu Exmo. pae, Sr. Pacifico Antonio Xavier
de Barros

*Nenhuma estrella em pleno azul scintilla
Tanto, nem gemma alguma tão preciosa
Existe, como a perola que oscilla
Num doce o'har de esposa ou mãe piedosa.*

*Deus que, insuflando luz à immunda argila,
Aos olhos poz a curva mais graciosa,
Quizesse então da lagryma dispil-a :
Tambem não déra, creio, orvalho a rosa.*

*Na lagryma que tem maior doçura
Pouho a saudade ; a dor, em outra esmago-a ;
O mundo as vê no amor e na amargura :*

*Si, pois, esta pequena gotta é «de agua
Ou sal commum», soffrendo van mistura,—
Que importa a mim...? que importa à humana magua?*



OS DOUS NADAS

A JULIO PERNETA

I

*A analyse prescruta os organismos,
Sonda-os, descreve-os... Mas não pode a sciencia
Nem por palavras, nem por algarismos,
Descortinar toda, na essencia,
Brilhos e paroxismos,
Essa que a natureza a amar convida
No humus sensual... de pincaros a abysmos !—:*

— A VIDA.

II

*Infalliveis já são da astronomia
Os catculos... Mas o saber humano
Não pode, incerto, prevenir o dia,
Nem prevenir o mez ou o anno
Dessa breve agonia,
Com que não ha quem não se importe... :
Onde um nada fenece e outro principia !—:*

— A MORTE.



NOSSOS OLHOS

A. M.

I

*Os colibris vão das rosas
Vôando por longes céos,
Mas voltam sempre aos esfolhos
Daquellas flores graciosas :*

*São duas rosas teus olhos
São dous colibris os meus*

II

*A celva quer saspivrosas
Aragens ; não escarcéos
De vento que a deixe, aos mólhos
Varrendo terras lodosas :*

*Das pirações de teus olhos
Precisa a relva dos meus.*

III

*Bem como ao sol vão as rosas
Pedindo «lhes rasgue os véos
Da noite» embora em desfolhos
Deixe-as, de tarde, saudosas,—*

*Oh ! dá-me o sol de teus olhos !
Ha tanto orvalho nos meus...*

IV

*Bem como as ondas, ditosas
Correndo por entre ilhéos,
Sem ir fugindo aos escolhos
Quebram-se alli, descuidosas.*

*Nesses rochedos—teus olhos
Quebram-se as ondas dos meus.*

V

*Como as do mar salitrosas
Phalanges; buscando os céos,
Ululam... sobem abrolhos...
Recuam silenciosas...*

*Longe do AZUL de teus olhos
Geme o OCEANO dos meus !*



SAHARA DO AMOR

A DINIZ SATYRO

Vivo, entre os homens, num deserto :
Vivo qual na deserta Lybia um monge :
— Horror !—:
Ver a mulher que eu amo, alli passar, tão perto...,
E o seu amor — tão longe
Do meu amor !...

1893





NO GOLGOTHA

A COELHO NETTO

*Limpo o ceo... que é do sol? Treme o chão... Mixto
De ueve e sangue e luz, inteiriçados
No lenho os frios musculos, cravados
No alto os olhos sem brilho, é morto o Christo.*

*Morto, e por nós !... e oli, caso nunca visto :
E' noite em pleno dia !... E veuta... Aos lados,
Se abrem tumbas; e ps maues vão-se, alados...
Emfim : a Biblia conta-uos tudo isto ;*

*Mas não uos couda (e é de receios presa
Pelo Mal que adviria de tal scena)
Que, ao pé da cruz, uma genial belleza*

*Olhou a Jesus, com tanto amor e pena
Que, si elle, o Mestre, a visse... ai ! com certeza
Morrera, mas — no olhar da Magdalena.*



MADRIGAL

(DO POETA BOLÍVIANO VILLALOBOS)

*O ceo, de roseas nuvens tincto, eu via ;
Da côr dos labios teus—rubros csfolhos ;
E, assim, me parecia
Que, cheio de pudor, enrubescia...
Vendo outro ceo no azul desses teus olhos.*





VIVA OU MORTA

(A ESTACIO CORRÊA)

Volto, um dia, a abraçul-a ; ou viva ou morta.

Chego, e a porta fechada !...

—« Venho de longe ! abram-me a porta !... »—

Bato; chamo Adelina; espero;... e nada !...

—Meu Deus !... quem sabe si Adelina é morta !

Mas, não, hei de encontral-a, viva ou morta. —

E fito ao lónge a estrada...

Escalo o muro, entro na horta ;

Chamo:—« Adelina !... »—espero... escuto;... e nada!

—Que horror! meu Deus... si minha amante é morta?!

Não veudo-a viva, mas não crendo-a morta,

Volto ainda á fachada :

E desço o muro, e espio à porta...

Chamo Adelina... espero... e bato... e nada !

Oh, dôr ! bem vejo que Adelina é morta !

*Não crendo vel-a já, viva, e sim morta,
 Beijo a porta fechada...
 E choro...—a lagryma conforta !...—
 E balo... e chamo... e escuto... e espero... e nada!...
 —Ai !... quem me leva ao sitio onde ella é morta?!...*

*Triste, sem vel-a mais, viva nem morta,
 Parlo... Longe, na estrada
 Ha um resto: E' o della !...—A estrada é torta :
 Paro aqui, chamo alli... e escuto... e nada !
 —Mas não; nao creio que ella esteja morta...*

*Crendo encontre-a então, viva e não morta,
 Marcho á cidade:... A' entrada,
 Eil-a, á janella; ouvindo, absorta,
 ... A quem ?...—Meu Deus ! a vida é isto : é nada!
 Ligo Adelina, e encontro-a...—Viva ou morta?!...*





TRES PEREGRINOS

(A SILVEIRA NETTO)

*A montanha do Idéal
Subiam, sem temor e sem perigo,
Tres peregrinos; cada qual
Dos outros dous um verdadci o amigo.*

*Um chamava-se AMOR ;
O outro—RAZÃO, sem quem nenhum subia ;
Em fim o terceiro audaz viajor—
Era EU;—nomes que dá a philosophia...*

*E os trez, todos por mim, .
Si um queria, um sentia, o outro pensava,—
Juntos marchando sempre, assim,
Escarpa ácima cmquanto o sol montava.*

*Mas um segundo sol,
Queimando a rocha alcantilada e estensa
Da iugreme feuda em caracol,
Bem a pino raiou !... era a Descrença :*

Debandada cruel ! :
De um vesúvio lá em cima altos fragores
Se ouvem... as lavas em tropel
Vêm separando os miseros viajores...

AMOR — correu atrás ;
RAZÃO — subiu, subiu... vae descambando ;
Tu só, triste EU !, ainda irás
Na escarpa, ora descendo, ora avançando...

1896





GWIMPLAINE E DÉA

*Branca ossada na força — v'inha, e ia...
Negro bando de corvos — ia, e viuhá...
E elle — chorava, a errante criancinha ;
Mas, quanto mais chorava, mais se ria !...*

*Foi avançando, a rir, na ueve fria,
Que ao chão silbava, rija, atroz daniniuha,
Quando encontrou a joven mãe, — florinha
De cuja haste o, «aureo botão» pendia...*

*Amaram-se, e que amor !— Mas o paria
Vae feito Lord : faz rir toda a Assenbléa :
Volta... e Déa ?... morreu. — Como Gilliat,*

*O triste afaga do suicidio a idéa,
Ao c'ó gritando : «DÉA ! ME VOILÁ !...»
E tenta co mar. — No azul brilhava Déa...*



◀ RUNICO ▶

(DE H. HEINE)

*O runico penedo, o oceano, e enlaça ;
Nelle me abysmo em sonhos. Mergulhando
Vão as gaivotas, em ruidoso bando ;
O vento sopra, a vaga escuma e passa.*

*«Tantas jovens amei !... tão grande massa
De amigos vi !... Que é dettes ? !...» von pensando.*

— —
O vento — sopra ; a vaga — escuma, e passa...

1893



INDICE

	Paginas	
I	Prologo	5
II	De um mirante,	11
III	A minha mãe	12
IV	Ciosa	13
V	Crepusculo	14
VI	Dulce	15
VII	Vísio, Vel Femina	16
VIII	A' Necropole dos Naufragos.	17
VIV	De uma entrevista	18
X	A «Analyse da lagrima»	19
XI	Os dous nada.	20
XII	Nossos olhos	21
XIII	Sahara do amor.	23
XIV	No Golgotha	24
XV	Madrigal	25
XVI	Viva ou morta ?	26
XVII	Tres peregrinos	28
XVIII	Gwimplaine e Déa	30
XIX	Runico	31

ERRATAS

Escaparam aos cuidados do revisor entre outros erros typographicos, que o leitor intelligente corrigirá, estes mais graves :

NO PROLOGO

Pagina 8, linha 18, onde se lê : — *Reise aus Bilder.*
deve ler-se : — *Reisebilder.*

NAS. POESIAS

Pag. 15, verso 3º do 2º quarteto, onde se lê : — *dis-pil-a*, deve ler-se :— *despil-a* ;

Pag. 23, 2º quarteto, 2º verso, onde se lê — *Res-pido*, deve se ler — *Rispido*.

Pag, 24, 1º quarteto, 3º verso, onde se lê — *Beĩ-jo-a... Pulsa-e*, etc, deve se ler — *Beijo-a... Pulsa-lhe* etc.

OBRAS DE HENRIQUE SILVA

PUBLICADAS :

A Caça no Brasil Central.
Poetas Goyanos (1ª serie).

NO PRELO

Caça e caçadas no Brasil (edição portugueza), de Lisboa.

O Folk-lore do Brazil Central.

EM PREPARAÇÃO :

Nostalgia (paizagens sertanistas).

Eu accuso !... (carta aberta ao senador Leopoldo de Bulhões)

Bibliographia goyana.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).